

## ESTUDO E ANÁLISE DAS ANÁFORAS ENCAPSULADORAS: O EDITORIAL EM FOCO

## STUDY AND ANALYSIS OF ENCAPSULATING ANAPHORA: THE EDITORIAL IN FOCUS

Lílian Rejane da Costa Minotto<sup>1</sup> (UPF)

### RESUMO

O presente trabalho tem como propósito refletir sobre o fenômeno da anáfora, tendo como especificidade os estudos sobre a anáfora encapsuladora, a partir do funcionamento de itens anafóricos identificados nos textos jornalísticos – o editorial. A pesquisa tem natureza descritiva, bibliográfica e qualitativa. O objetivo é realizar um estudo sobre as anáforas textuais em editoriais, baseando-se em Marcuschi (2003), que assume a importância do ensino de língua e busca estudar o funcionamento dos textos. Recorre-se à orientação dos princípios metodológicos da Linguística Textual abordados, principalmente, nos estudos de Conte (2003), Koch (1997) e Marcuschi (2003, 2012), Cavalcante (2005), e Fávero (1991). Pretende-se realizar a análise de *corpus* a partir de itens identificados nos processos referenciais presentes no texto, observando, principalmente, os casos de anáforas encapsuladoras e destacando as principais estratégias utilizadas pelo autor na elaboração de seu editorial. Destaca-se que a análise dessas anáforas encapsuladoras dizem respeito ao sentido que elas constroem no texto em questão, observando seu funcionamento sintático-semântico na organização interna do texto – neste caso, o editorial.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Objetos de discurso. Anáfora encapsuladora.

### ABSTRACT

This task has the purpose to ponder about the anaphora's phenomenon, and the studies concerning the encapsulated anaphoraes are particularity, as from recognized anaphoric's items in the journalistic texts – the editorial. This research has descriptive, bibliography and qualitative kind. Its goal is to study the textual anaphora in editorials, based on Marcuschi (2003), who assumes the importance of language teaching and pursuits the role of the texts. It is used the orientation about the methodological principles of the textual linguistics where it is founded mainly at Conte (2003), Koch (1997) and Marcuschi (2003, 2012), Cavalcante (2005), and Fávero (1991). It is intend to constitute the analysis of corpus starting from identified items in the referential processes present in the text, mainly taking note of the cases of encapsulating anaphora and emphasizing the main strategies used by the author in the elaboration of his editorial. It should be note the analysis of these encapsulating anaphoraes due to the fact that they build sense up to the text, observing its syntatic and semantic functioning in the text's internal organization – in this case, the editorial.

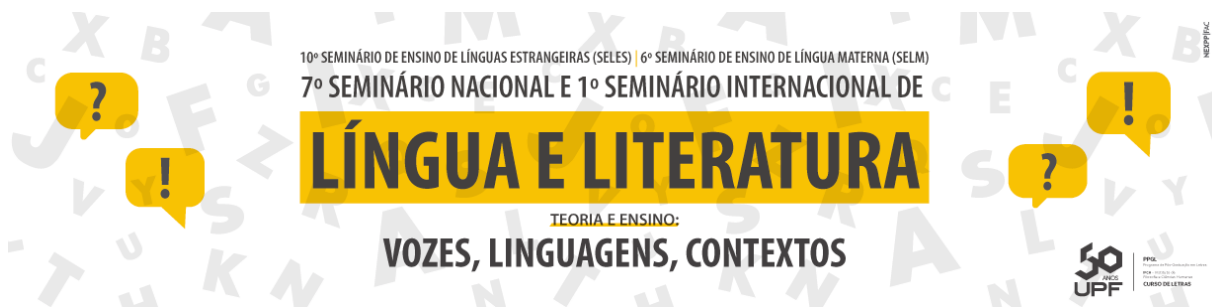
**Keywords:** Textual linguistics. Speech's objects. Encapsulating anaphora.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata do processo da referenciação realizado pela anáfora encapsuladora em editorial de jornal. Justifica-se a escolha por essa temática porque é através da leitura e do

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: lilar@terra.com.br

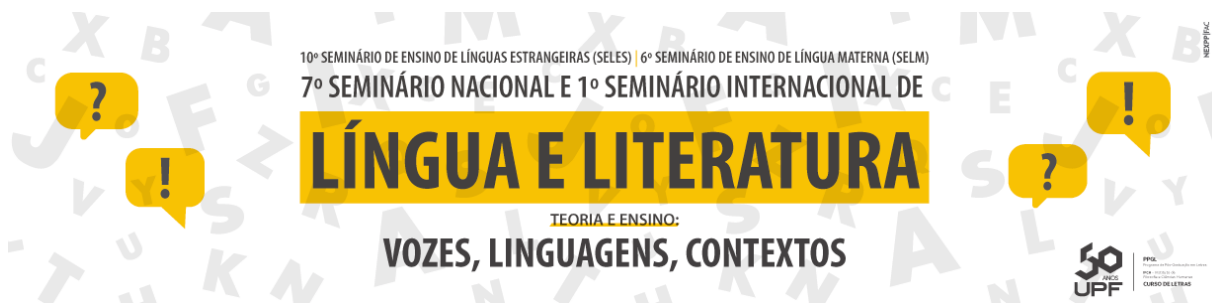


texto que o usuário da língua desenvolve a organização do pensamento e do conhecimento. Assim, observa-se como o processo da referenciação auxilia na (re)construção como elementos essenciais para o entendimento do texto. O interesse pelo estudo dessas formas está relacionado com a importância que essas estratégias de referenciação possuem, permitindo que se compreenda o percurso de construção do sentido do texto. Desse modo, o estudo do texto se torna, evidentemente, fundamentado teoricamente e eficaz no objetivo de perceber seu sentido.

O estudo desenvolvido possui caráter bibliográfico e qualitativo. Os objetivos específicos envolvem compreender como se estabelece as formas anafóricas, a construção e a reconstrução de sentido dos objetos do discurso, e entender como ocorre a construção de sentido nas anáforas encapsuladoras para a organização textual.

Considerando o objetivo geral deste trabalho buscou-se encontrar respostas para a seguinte pergunta: em que medida as relações anafóricas, em especial a anáfora encapsuladora, constroem sentido no texto do gênero editorial, estabelecendo as cadeias tópicas e referenciais que organizam a coesão e a coerência do texto evidenciando sua textualidade?

O recorte teórico será o da linguística textual e seus principais representantes como Koch (1997, 2004), Conte (2003), Marcuschi (2005, 2012), Cavalcante (2005), e Fávero (1991). A questão teórica justifica-se por perceber que os estudos dentro da Linguística Textual têm evoluído bastante, a fim de esclarecer melhor as dúvidas acerca do seu funcionamento. Além disso, essa construção tem revelado uma trajetória analítica ao longo do tempo acerca dos textos construídos nos diversos gêneros textuais, as funções discursivas dos processos anafóricos, entre outros casos. Também aborda-se o objeto motivador da reflexão – a referenciação e a anáfora textual e sua classificação como encapsuladora, sendo que nessa parte constrói-se um panorama sobre o conceito a partir de autores como Marcuschi (2001), Cavalcante (2003) e Koch (2005). A última parte do estudo traz as considerações finais elaboradas a partir do percurso construído. Nessa etapa são apresentadas reflexões relativas ao processo de referenciação de um texto, considerando que o estudo das anáforas encapsuladoras no gênero editorial pode ser fundamental para o entendimento de seu funcionamento assim como a construção de seu sentido.



## **2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ESTUDO DO TEXTO**

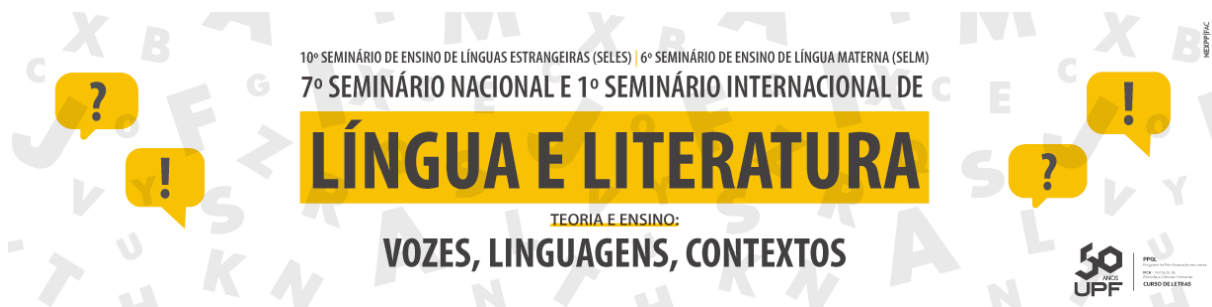
Esta seção tem o objetivo de analisar os caminhos percorridos sobre os estudos do texto. Apresentam-se os momentos iniciais dessa proposta teórico-metodológica, destacando os pressupostos históricos – a origem. Num segundo momento, abordam-se os pressupostos teóricos – o conceito de texto, bem como os fatores da tessitura textual como, por exemplo, coerência e coesão, situacionalidade, informatividade, ou seja, os fatores pragmáticos, cognitivos e sociointeracionais além do que vem sendo construído enquanto segmento científico.

Precedente à década de 1960, os estudos linguísticos tinham como limite o estudo da frase – fonologia, morfologia e sintaxe frasal – ignorando os aspectos semânticos e contextuais em situações distintas de comunicação. Resultante dessa visão tradicional, as descrições da norma linguística são abstratas, reduzindo-se ao padrão da língua escrita, ignorando as diversas formas de usos e situações comunicativas e, por consequência, não dando conta das características do texto (MARCUSCHI, 2005).

Então, alguns docentes focavam e continuam focando o ensino e a aprendizagem da leitura no vocabulário e nas categorias gramaticais, e o ensino de produção textual nos desvios ortográficos e morfossintáticos. Coerência, coesão, progressão temática não se constituíam em objeto de preocupação. Para ampliar essa discussão, destaca-se a seguir com o estudo dos prováveis caminhos que fazem parte da trajetória a ser desenvolvida pela linguística do texto.

### **2.1 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS: A ORIGEM**

A linguística de texto como é conhecida hoje surgiu na década de 1960 e se expandiu rapidamente e em várias direções, tendo como viés principal de estudo de seu objeto de investigação: o texto. Há mais de vinte anos Conte (1977) distinguia três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria do texto, destacando o da análise transfrástica, o das gramáticas textuais e o da teoria ou linguística do texto. Conforme a autora não se trata de uma distinção de ordem cronológica, mas, na verdade, de ordem tipológica. O



que se constata foi justamente a necessidade de ultrapassar os limites da frase, para dar conta de certos fenômenos.

Conforme Marcuschi (2012), a Linguística Textual surge como uma das vertentes do Funcionalismo Linguístico<sup>2</sup>, entendido como o paradigma de estudos que concentra os seus trabalhos no contexto de uso, sendo as pesquisas centradas no efetivo exercício linguístico, que envolve falantes concretos, sem recorrer a um falante ideal.

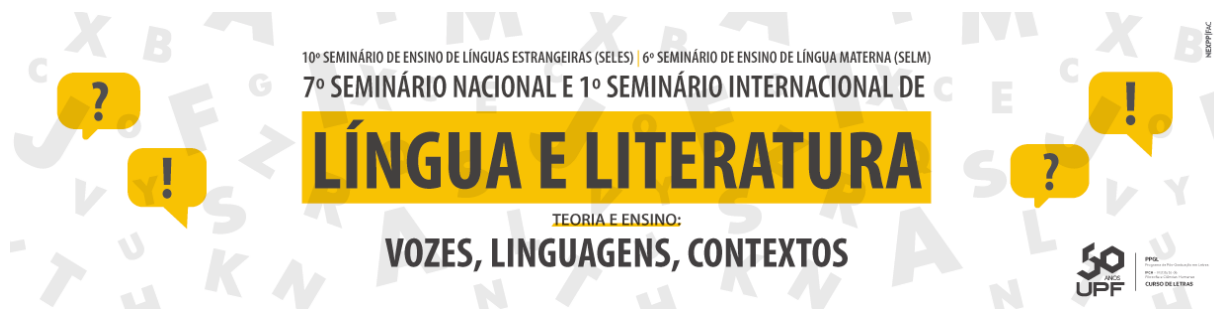
Desde logo, gostaria de deixar claro que a Linguística Textual abordada em sentido estrito, é algo bem diverso da análise literária: também é diferente da retórica e da estilística, embora evidencie parentescos com ambas. Configura uma linha de investigação interdisciplinar dentro da linguística e como tal exige métodos e categorias de várias procedências. Basicamente, trata dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto. (MARCUSCHI, 2012, p. 17).

Assim, com a iniciação dos estudos sobre o texto, inicia-se um esforço teórico com expectativas de uma metodologia bem diferente, despertando um novo estudo no campo do saber contrário do estudo da Linguística Estrutural<sup>3</sup> que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informal. Nessa perspectiva, o processo da Linguística Textual não se tornou único e nem uniforme. Segundo Marcuschi (1988), surgiu de forma autônoma na investigação e sempre com uma motivação interna em muitos países da Europa. O autor também afirma que um texto pode ultrapassar e violar regras de gramática de frase, para envolver alguns fenômenos que ultrapassam o âmbito da frase; o sujeito e a situação comunicativa. Assim a Linguística Textual desenvolve-se em torno de vários conceitos sobre o texto e seus fatores de conexão sequencial. Koch (1997) conceitua Linguística Textual como:

[...] aquela que se propõe como tarefa investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos. Os textos passam a ser estudados dentro de seu contexto pragmático, isto é, o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições - externas ao texto - da produção, recepção e interpretação dos textos. [...] (KOCH, 1997, p. 70).

<sup>2</sup> A essência do funcionalismo encontra-se na Antiguidade Clássica, quando os retóricos já valorizavam a língua em uso ao construir textos falados a fim de obterem melhores efeitos no que concerne a persuasão diante do público.

<sup>3</sup> Expande-se no século XX quando ocorre o aumento das pesquisas linguísticas e tinha como foco estudar a frase em sua estrutura e seus aspectos formalísticos.



Koch (2004), em seus estudos, faz uma referência sobre as três fases. Considerando especialmente a primeira fase – a transfrástica, destaca-se que esta é uma análise apenas restritiva a elementos coesos relacionados e que não se ligavam à complexidade do texto. Porém, com o passar dos estudos da gramática de texto, este virou destaque dando ênfase às regras na elaboração e compreensão do discurso dos falantes.

Dando seguimento à discussão, destaca-se na sequência considerações acerca da Linguística Textual a partir do seu principal objeto de investigação – o texto.

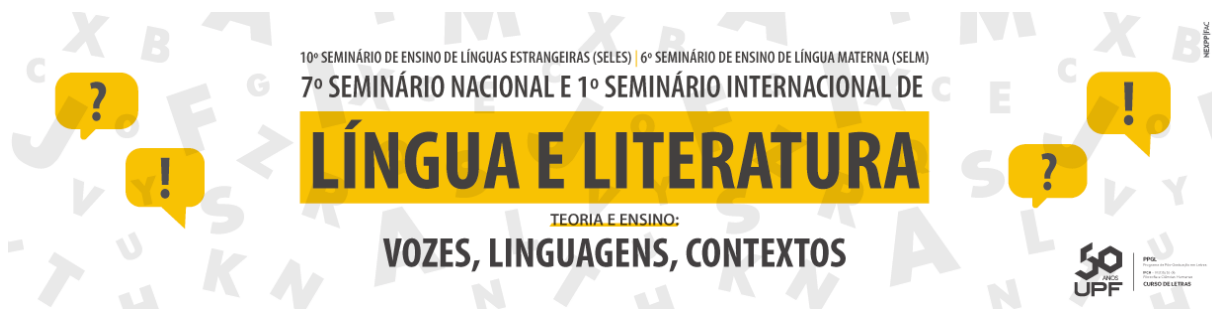
## 2.2 DO TEXTO À TEXTUALIDADE: OS FATORES DA TESSITURA TEXTUAL

A textualidade é considerada como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apud Marcuschi (2012) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Dentre tantos conceitos preestabelecidos, os que se expandiram foram a coerência e a coesão textuais, sendo vistas como uma espécie de tecido cujos fios se entrelaçam formando a tessitura do texto.

### 2.2.1 O fator da coesão textual

Quando surgiu a Linguística Textual, a coesão referencial exercia a função de permitir ao produtor do texto remeter, por meio de um elemento linguístico a outros elementos textuais, anteriores (anáfora) ou subseqüentes (catáfora). Entre os recursos para aplicar a coesão referencial num texto destaque para os elementos de ordem gramatical e os de ordem lexical. Os elementos de ordem gramatical são os pronomes, numerais, artigo definido e alguns advérbios, lembrando que eles têm no texto função coesiva, pois nem sempre atuam coesivamente. Os outros, considerados de ordem lexical, são os sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e formas nominais, inclusive nominalizações.



A coesão é um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelece entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico (FÁVERO, 1991, p. 9).

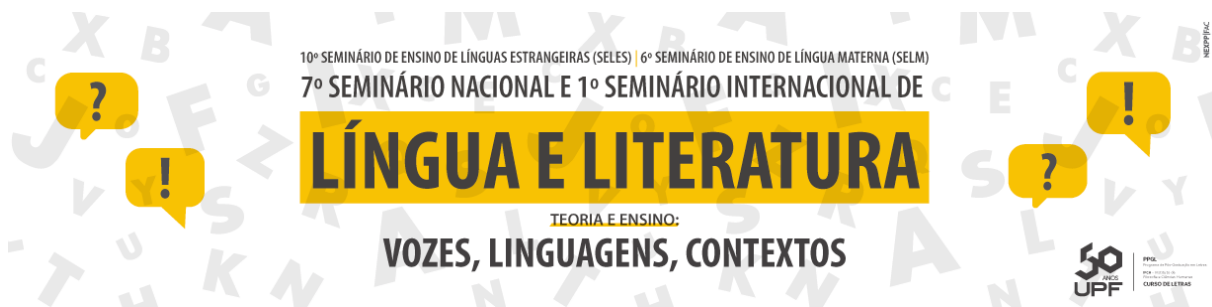
Perante todos esses conceitos preestabelecidos, convencionou-se denominar como coesão o modo pelo qual os elementos inerentes à língua, presentes na superfície do texto, se relacionam através de interconexões. Os pesquisadores dividiram esses elementos em dois grupos, ou seja, coesão remissiva ou referencial que se referem a elementos anteriores no texto, e a coesão sequencial que ao contrário do primeiro faz referência aos elementos que garantem a progressão ao texto (KOCH, 2004). Assim, o texto continua evoluindo, se compararmos aos primórdios da Linguística Textual, partindo do nível interfrasal e chegando ao macroestrutural.

### 2.2.2 A coerência textual

O texto vai além do sentido das expressões na superfície textual, pois agrega conhecimentos e experiências do cotidiano, atitudes e intenções, que são considerados como fatores não linguísticos (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981 apud MARCUSCHI, 2012). Desse modo, um texto não é em si coerente ou incoerente; tudo vai depender do contexto e da situação em que ele foi produzido.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macro textualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim, a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos. (FÁVERO, 1991, p. 10).

A coerência é vista também como uma sequência de sentidos que se percebe ao longo do texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto. Tal conexão não é apenas de tipo exato que dependa de fatores socioculturais variados, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos, operantes entre os falantes, mas também de



fatores interpessoais como as formas do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência.

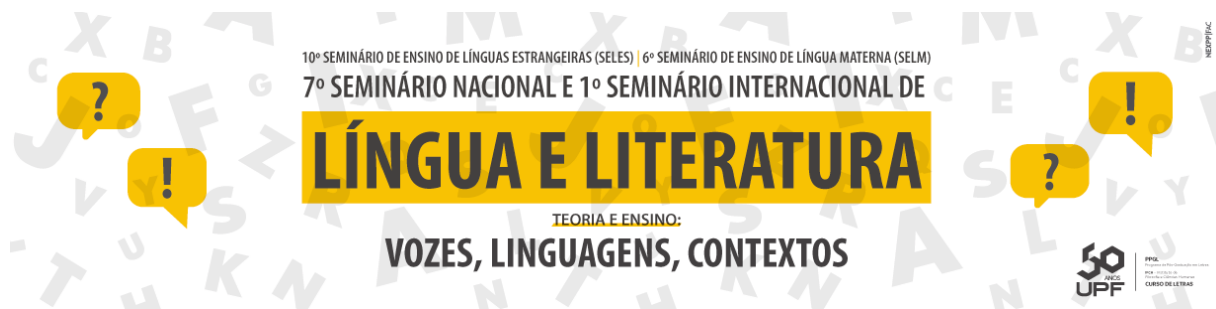
A coerência não pode ser concebida apenas como um item de textualidade. Ela é um elemento baseado tanto no usuário quanto no texto, tendo em vista que estão envolvidos mecanismos de produção e processos sociocognitivos do leitor. Desse modo, o texto por si só não se constrói sem alguns critérios de construção textual do sentido focado no usuário. Assim, destacam-se três elementos que devem ser enfatizados nesse processo: a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade.

### **3 O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO: O CASO DA ANÁFORA**

Nesta seção, busca-se apresentar uma discussão teórica acerca do processo de referenciação a partir das anáforas, considerando sua importância no movimento de introdução ou retomada de referentes dentro do texto. Cumpre salientar que a referenciação é um processamento do discurso, sendo segundo Koch (2005) realizado por sujeitos ativos, podendo ser uma estratégia que implica escolhas por parte dos interlocutores a partir das diferentes possibilidades que a língua oferece. A referenciação desenvolve-se ao longo do discurso e está relacionada a aspectos da interação e que visa representar o estado das coisas em função do querer-dizer. É nesse sentido que ela é vista como uma relação semântica estabelecida entre o texto.

#### **3.1 CONCEITUANDO E CARACTERIZANDO AS ANÁFORAS**

A anáfora consiste em um elemento de coesão textual utilizado para retomar, construir e/ou reconstruir objetos do discurso, sendo responsável por oportunizar uma progressão referencial levando ao conhecimento dos recursos linguísticos (BERTUCCI, 2006). Conforme Apothéloz (2003), os mecanismos anafóricos podem levar muito além da simples retomada de informação e contribuir para os aspectos mais específicos da construção do discurso.



A retomada anafórica é a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal compreendida. Em primeiro lugar, a expressão *retomada* nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, mas é apenas uma espécie de *remissão* que estabelece o contínuo tópico. Em segundo lugar, a noção de anáfora é aqui enriquecida e ampliada e não diz respeito apenas a relações estabelecidas por pronomes, mas por nomes e outras categorias (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 4).

Observa-se que a anáfora tem relação com o antecedente, seja ele explícito ou implícito no discurso. Apothéloz (2003) orienta sobre a questão do antecedente considerando que:

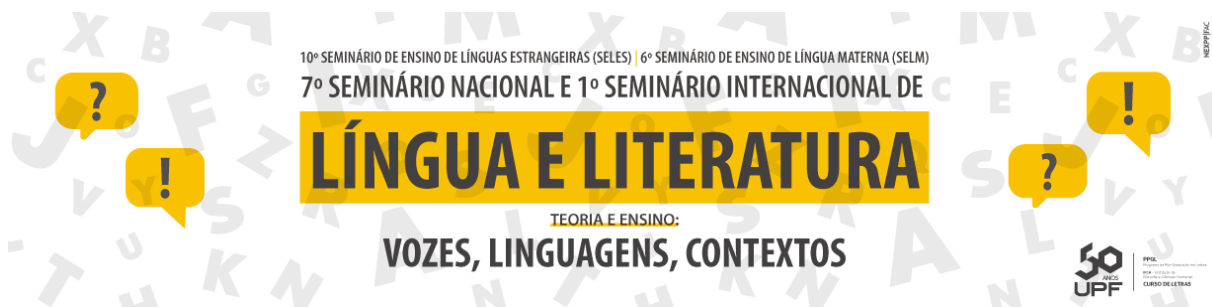
[...] o que precede tem duas consequências importantes para a concepção geral do que é uma forma de retomada: em primeiro lugar [...] as formas de retomada são, antes e acima de tudo, expressões referenciais no sentido mais geral do termo. E, em segundo lugar, o que se chama comumente de antecedente [...] não é, na realidade, um elemento de modo algum indispensável ao funcionamento das formas de retomada. (APOTHÉLOZ, 2003, p. 57).

O elemento anafórico é considerado uma figura de construção e sintaxe. Cavalcante (2005) ressalta que as anáforas podem não retomar de forma direta o mesmo objeto-de-discurso, aparentemente introduzindo uma entidade nova. Apothelóz (2003) apresenta cinco noções-chaves acerca das anáforas e suas relações com a referência: referencial/atributivo, correferência, co-significação, exofórica/endofórica e referência opaca. A partir desses elementos observa-se que as anáforas remetem a uma ou outra marca co-textual da qual elas se tornam não exatamente novas no discurso.

Ainda buscando destacar as peculiaridades da anáfora, Silveira (1999, p. 127) traz o seguinte discurso:

[...] Ela é um mecanismo eficaz de coerência e coesão do discurso, [...] usadas com o propósito de economia, de clareza ou do mero intuito de se evitar repetições. [...] depende da existência de elementos referenciais. A sua identidade só pode ser determinada a partir de um antecedente, que pode estar no nível da sentença ou que pode ser recuperado pelo contexto semântico-discursivo. Nos casos de ambiguidade referencial é necessário recorrer ao contexto semântico ou fazer inferências pragmáticas para que se possa identificar o referente do elemento anafórico. [...] a conexão entre o elemento anafórico e o seu referente determina certas particularidades na estrutura sintática e há regras que podem definir em que situações o processo ocorre. No caso do reflexivo, ele exige um controlador próximo. Já quanto aos outros pronomes, não se observa essa particularidade. Para a semântica dinâmica, que leva em conta o acréscimo de informações discursivas, a anáfora é vista como uma controladora dos itens, que já foram enunciados, permitindo estabelecer relações coesivas entre os elementos discursivos.





Desse modo, pode-se considerar de forma sintetizada que a anáfora consiste num processo que faz uma identificação referencial, constituindo-se de uma expressão que atua como antecedente ao mesmo tempo em que pode ser desprovido de autonomia referencial. Além disso, envolve uma relação de retomada que está dependente de um referencial anterior presente no texto.

A compreensão dos elementos anafóricos passa pela análise dos diferentes tipos de anáfora, sendo que a partir dessa diferenciação é possível perceber suas particularidades e usos no discurso textual. Desse modo, na sequência identifica-se uma das formas que ela pode assumir no texto – a anáfora encapsuladora.

### 3.1.1 Anáforas encapsuladoras

As anáforas encapsuladoras ou encapsulamentos constituem-se como uma forma de expressão referencial que recupera uma parte do texto (ou do discurso) – e não apenas como um referente pontual – por meio de nominalizações, rótulos ou dêiticos. Bertucci (2006) considera que uma característica da anáfora encapsuladora é ser híbrida, uma vez que não possui um referente pontual no texto (por isso tem característica de anáfora indireta), mas ao mesmo tempo recupera sem retomar o que há no co(n)texto (o que é característica da anáfora direta).

Nessa mesma perspectiva, Cavalcante (2003) destaca as anáforas encapsuladoras a partir de dimensões principais. Uma, em que a anáfora é meio direta, meio indireta, baseada em rótulos, quando por sintagma nominal (SN). Essa forma consiste em encapsular proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal (o qual tem recebido a denominação de rótulo). E a outra sendo a anáfora encapsuladora com dêitico, meio direta, meio indireta; híbrido – dêiticos discursivos (DD), podendo manifestar-se por pronomes demonstrativos ou por sintagmas nominais. Neste último caso, constituem rótulos com dêitico, tal como se vê, respectivamente nos seguintes exemplos:

**LÍNGUA E LITERATURA**

TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**

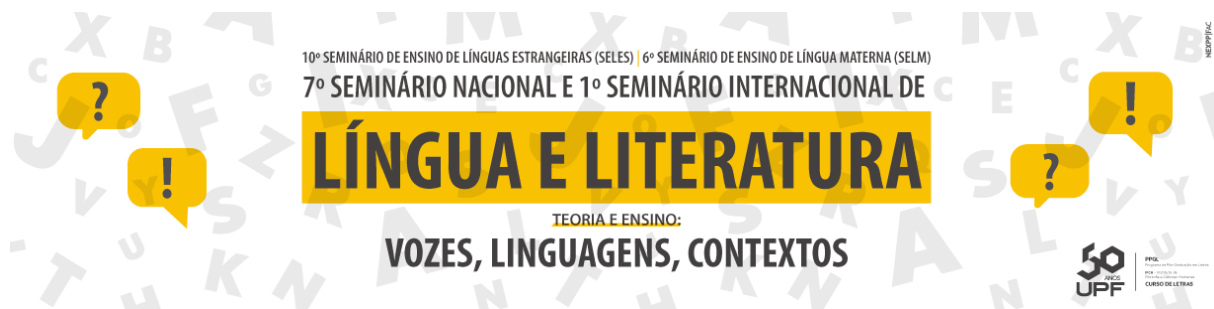
- **por demonstrativo:** Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, *isso* lhe trouxera certa tranquilidade (...) (conto *A fuga*, de Clarice Lispector)

- **por SN (anáfora-rótulo com dêitico):** **Veja** – *Uma mulher que trabalha o dia inteiro, cuida de filhos, tem de resolver problemas da casa nem sempre consegue arranjar tempo para praticar esporte. O que fazer para resolver esse dilema?* (entrevista - *Veja*, 15/01/03) (CAVALCANTE, 2003, p. 116).

Na visão de Koch (2008), os encapsulamentos podem ser considerados como elementos que apresentam maior custo de processamento que as anáforas indiretas, podendo ser efetivados por meio de formas pronominais neutras (*isto, isso, aquilo, o*), e também expressões nominais (definidas, demonstrativas ou indefinidas). Essas anáforas envolvem um segmento textual de extensão variada e constrói-se, com base nele, uma entidade discursiva, a qual passa a constituir um referente para futuras predicções. Essa característica mostra que o produtor do texto necessita ter bem claro o segmento textual que vai encapsular, cabendo ao leitor identificar exatamente a porção de texto encapsulada, para chegar à interpretação adequada.

As anáforas encapsuladoras são verificadas a partir da existência de determinantes e pronomes, especialmente demonstrativos, ou de substantivo que podem trazer sentido geral ou específico ao texto. Conforme Bertucci (2006), os encapsulamentos pairam entre as anáforas indiretas e diretas, tendo em vista que se por um lado há um referente pontual e específico ao qual a anáfora remeta, também pode ocorrer uma recuperação sem retomada de alguma parte que já foi ou será apontado no co(n)texto. É nessa perspectiva que a anáfora encapsuladora atua no rotulamento de algum trecho do texto modificando-o de forma a se tornar objeto do discurso, bem como contribuindo para a continuidade do texto ou também para a promoção de avaliações subjetivas.

O encapsulamento anafórico ocorre sempre através de uma expressão nominal ou pronominal que tem como finalidades ser resumitivo, parafraseando expressões e partes do cotexto; coesivo, pois articula ideias desenvolvidas ao longo do texto; metadiscursivo, pois a escolha da expressão encapsuladora já dá pistas do que o autor procurava dizer; e argumentativa, tendo em vista que possibilita a persuasão daquele do enunciador (CAVALCANTE; MESQUITA, 2011, p. 5).



O encapsulamento é considerado por Koch (2008) como um processo de complexificação que (re)constrói o conteúdo pré-mencionado como uma entidade discursiva unificada<sup>4</sup>, desempenhando uma função central no estabelecimento da coerência textual. Desse modo, a anáfora encapsuladora é dependente do contexto, sendo que Conte (2003) destaca que ela pode atuar no eixo velho-novo do texto, ou seja, se torna um procedimento muito interessante de introdução de referentes no texto, tornando-se argumento para novas considerações no discurso e diferentes processos argumentativos.

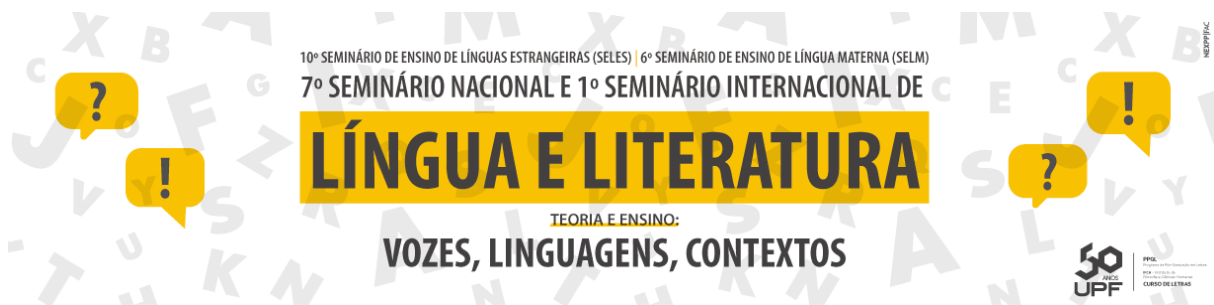
É nessa perspectiva que o encapsulamento anafórico é um princípio de organização em textos que envolve a integração semântica, ou seja, anova expressão referencial que é motivada pelo discurso precedente funciona retroativamente como um recurso para essa integração. Além disso, envolve a avaliação, tendo em vista que quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é um nome axiológico, o texto oferece uma avaliação dos fatos e eventos descritos. E, por fim, compreende a hipóstase<sup>5</sup> de unidades pragmático-discursivas, uma vez que não concerne aos conteúdos do texto, mas pode também resultar na categorização e na hipostasiação de atos de fala e de funções argumentativas no discurso (CONTE, 2003).

Com base no objeto deste estudo, principalmente os textos editoriais que são aqueles que expressam a opinião do autor, destaca-se que os encapsulamentos tornam-se importantes instrumentos para o desenvolvimento do processo argumentativo dos autores. Pereira e Rocha (2006) salientam que o gênero editorial está associado a um processo expressivo, opinativo e argumentativo, escrito pelo editor. Para Charaudeau (2006), o editorial caracteriza-se por ser um acontecimento comentado e relatado, pelo seu autor, revelando seu engajamento e a instituição que representa. Esse tipo de texto, de acordo com Cardoso, Rocha e Cardoso

---

<sup>4</sup> “Um grupo de cientistas americanos e suíços anunciou na semana passada uma importante descoberta na compreensão dos mecanismos do cérebro. Eles concluíram o primeiro mapa da rede de neurônios existente no córtex cerebral, *região do cérebro responsável pelo raciocínio, planejamento e coordenação das atividades das outras áreas associadas a funções mais especializadas*. Ou seja, os pesquisadores descobriram quais são os caminhos percorridos na transmissão de informações de um neurônio a outro na região que comanda o cérebro. [...] **O estudo** foi publicado na edição online do jornal científico *PloS Biology*. [...] **A conquista** foi obtida a partir do uso (em cinco voluntários) de uma nova tecnologia de exame de imagem batizada de ‘imagem de espectro difuso’. Trata-se de uma evolução da ressonância magnética que permitiu aos pesquisadores estimar a densidade e a orientação das conexões entre os neurônios. **A eficácia de sua utilização** foi outro motivo de comemoração. Os resultados precisos indicados pelo exame o colocaram como um método com grande potencial para diagnóstico de lesões e doenças neurológicas e psiquiátricas” (*ISTO É*, no. 2018, Ano 31, 9/07/08, p.79) (In: KOCH, 2008, p. 106).

<sup>5</sup> O sentido anterior se mantém. É uma sedimentação do sentido.



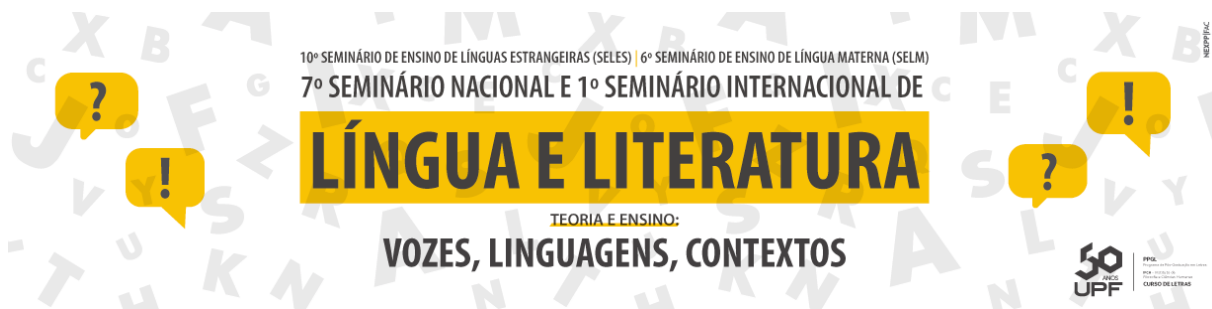
(2012), é constituído de cabeçalho, notícia-chave e opinião. A opinião pode estar implícita, sutil ou explícita, sendo a linguagem referencial, com o predomínio do ponto de vista, o que a difere da linguagem da notícia que é voltada, principalmente, para a opinião pública.

A referenciação no gênero editorial, de acordo com Alves Filho, Silva e Alexandre (2011), pode envolver aspectos axiológicos que se coadunam ao propósito comunicativo do gênero, apreciando eventos, fatos e discursos da vida social, fiscalizando e criticando as ações dos envolvidos. Pode não haver separação dicotômica entre os atos de relatar fatos e expressar opinião, sendo que as expressões referenciais tendem a ser formuladas por diferentes sintagmas, que podem exigir do leitor o uso de conhecimentos próprios para compreender o sentido do texto.

Para Bertucci (2006), os encapsulamentos e os textos de opinião estabelecem forte relação e revelam a importância desse tipo de anáfora para esse tipo de texto. Isso se identifica uma vez que os editoriais pretendem, muitas vezes, convencer o leitor sobre determinado assunto. Desse modo, nessas produções, as anáforas encapsuladoras e a utilização de rótulos avaliativos ajudam na construção de uma imagem que conduz o olhar do leitor para determinado foco.

Portanto, a utilização de encapsulamentos é uma escolha do locutor, não sendo algo neutro. Lunardi e Freitas (2012) afirmam que eles auxiliam na progressão textual e na progressão tópica por estabelecerem um objeto-de-discurso a partir de um trecho do texto. Esse tipo de anáfora funciona como a designação de um ponto de vista, sendo que ela organiza a estrutura semântica do texto, criando pontos cruciais no discurso argumentativo e funcionando como recurso coesivo, como teoriza.

Assim, conforme Pacheco (2015), o encapsulamento anafórico apesar de estar voltado à orientação discursiva, também possui uma ação sociocognitiva, assumindo um papel semântico, rotulador e avaliador do discurso. Ademais Koch (2002) orienta que esse tipo de anáfora age no processo de recategorização dos objetos discursivos, estando a serviço das ações comunicativas do falante/escrevente, uma vez que ao possibilitar a introdução de novos referentes e mudar ou desviar o foco do discurso, faz como que ocorra uma retroação e progressão dos movimentos de construção textual.



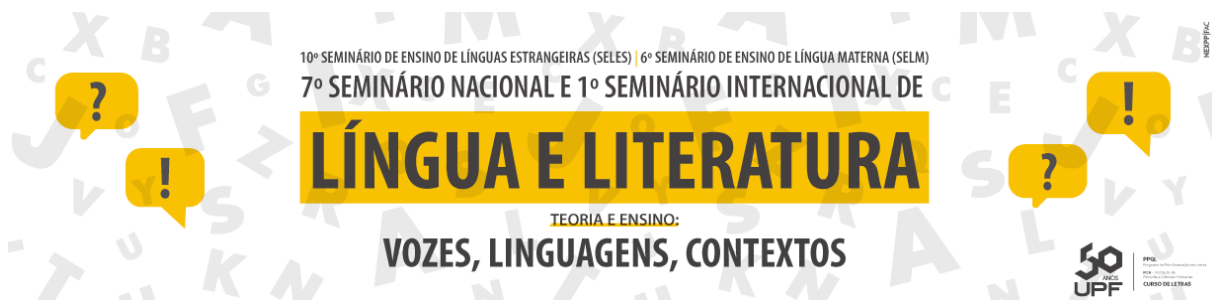
#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo principal de realizar um estudo sobre as anáforas textuais no gênero editorial, observou-se que o processo referencial não é um simples mecanismo de coesão e coerência que se estabelece entre frases como um recurso linguístico. Quando os interlocutores adquirem a consciência desses processos, esses desenvolvem as amarras referenciais mais produtivas, explorando a intersubjetividade e os efeitos de sentido resultantes do uso de uma ou outra expressão referencial. Assim, tais expressões se apresentam como elementos marcantes na construção textual dos sentidos.

Verificou-se que anteriormente a Linguística de Texto se limitavam ao estudo da frase, passando para a gramática de texto e, posteriormente, ao texto, abordando aspectos linguísticos e fatores contextuais. Também, identificou-se o processo de referenciação dando destaque a encapsuladora que é constituída pelos fatores extralinguísticos, isto é, o contexto com a situação real no ato da comunicação. Assim, a referenciação é apresentada como um processo contínuo através dos aspectos discursivos adaptando-se a cada situação seja ela social ou cultural.

Consoante com a fundamentação teórica, foi possível mostrar como as anáforas recuperam o referente, sendo que o emprego de expressões anafóricas no processo de referenciação é responsável pelo procedimento de progressão e coesão textual. No texto editorial é comum observar a seleção de expressões definidas, apontando o caminho da interpretação. Assim, na construção de sentido do texto, o papel das anáforas encapsuladoras é de organizar a estrutura do editorial aproximando o autor e o leitor com seus respectivos conhecimentos, dando condições para que o texto e a opinião do autor seja compreendida.

O estudo das anáforas encapsuladoras em editoriais pode ser uma estratégia que pode ser trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista a representatividade desse gênero textual. A observação dos mecanismos de uso anafórico pode auxiliar os alunos a analisar narrativas e marcas linguísticas, verificando um maior sentido acerca da estrutura textual apresentada. Portanto, é relevante que se discuta em sala de aula a complexidade presente nesses textos e o fato das palavras poderem estar relacionadas a um contexto, sendo que sua interpretação exige a valorização de um sentido maior daquilo que está escrito. Cabe ao professor trabalhar a questão dos referentes como forma de possibilitar ao aluno condições



de perceber as inferências presentes, valorizando aspectos sociais e interativos, promovendo assim seu verdadeiro significado do texto.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F.; SILVA, L. S.; ALEXANDRE, L. R. B. Relações de imbricação entre Gêneros do discurso e referenciação no Jornal Folha de S. Paulo. *Veredas On Line*, n. 1, p. 222-237, 2011.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BERTUCCI, R. A. Anáforas encapsuladoras: uma análise em textos de opinião. *Revista Letras*, Curitiba, n. 70, p. 207-221, set./dez. 2006.

CARDOSO, A. S.; ROCHA, J. F. S.; CARDOSO, D. P. *Anáfora indireta e rotulação em editoriais*. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, São Cristóvão/SE, set. 2012. Disponível em: [http://www.educonse.com.br/2012/eixo\\_12/PDF/3.pdf](http://www.educonse.com.br/2012/eixo_12/PDF/3.pdf) . Acesso em: 17 out. 2018.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. . In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.125- 149.

\_\_\_\_\_. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 44, 2003.

\_\_\_\_\_; MESQUITA, L. L. Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n 1, p. 55-63, jan./mar.2011.

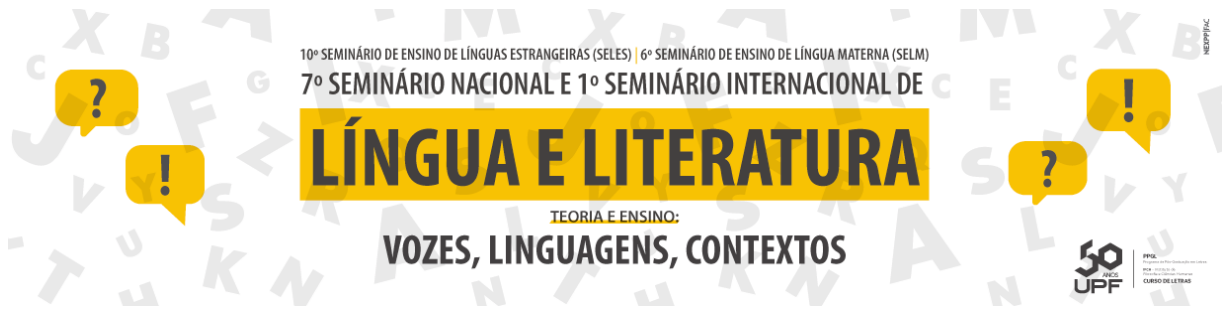
CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org). *Referenciação. Clássicos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

\_\_\_\_\_. *La linguística testuale*. Milano: Feltrinelli Económica, 1977.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações*, Recife, v. 21, p. 99-114, 2008.



\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 9-161, 2002.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *Delta*, 14, n° especial, 1998, p. 169-190.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

LUNARDI, G. R.; FREITAS, E. C. O encapsulamento anafórico como recurso argumentativo em reportagem jornalística e artigo de opinião. *Visão Global*, Joaçaba, Edição Especial, p. 49-72, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: o barco textual e suas ancoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258. jul./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. *Coesão e coerência na conversação*. Recife, UFPE, versão preliminar datilografada, 1988.

PACHECO, L. M. O encapsulamento anafórico em textos do gênero artigo de opinião. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 462-487, janeiro-junho, 2015.

PEREIRA, R. M. F.; ROCHA, T. F. *Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial*. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

SILVEIRA, G. Anáfora: algumas considerações sintáticas e semânticas. *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 3, p. 116-128, 1999.